

FRITZ & ROSALINDA

Fallaces enim sunt rerum species.
Sêneca (De Beneficiis)

Concluído o inventário, coube-me uma casa na Rua do Barro e seu respectivo terreno. Não sei por qual motivo o tabelião quando lia em voz alta o formal de partilha, dava ênfase à expressão respectivo terreno; então, ele tirava os olhos dos autos, encarava o herdeiro, e com uma certa solenidade e reverência, dizia: “e seu respectivo terreno”. Foi assim comigo e com meus três irmãos, que também herdaram alguns imóveis e outros empreendimentos que nos asseguravam uma vida bastante cômoda.

Fechei meu apartamento, no centro da cidade, e fui para a nova residência, uma construção do fim do século XVIII, de paredes-meias com outras duas. O conjunto tinha o telhado comum e as fachadas da mesma arquitetura, o que dava a impressão, era quase certo, de que teria sido uma única imponente morada, talvez de algum barão antigo, que, com a escassez do fácil ouro de aluvião, fizera de uma, três, para render alguns aluguéis que mantivessem a viúva decadente. O que se falava numa casa escutava-se nas outras, até mesmo com mágica ampliação de sons, naquele emaranhado de quartos, quatinhos, salas, salinhas, salões, alcovas, corredores em curva, sótão, porões, alçapões e um pé-direito de mais de quatro metros. A casa de cima estava vazia e na de baixo morava um casal sem filhos. Abro parêntese para explicar o motivo de ter dito que havia uma casa de baixo e uma casa de cima. Aqui, o que determina as localizações horizontais é o Lenheiro, que, como qualquer curso de água, tem sua jusante e sua montante. A casa de cima ficava na direção da montante do córrego, a minha era a do

meio e a outra, a do casal sem filhos, era a de baixo, mais a jusante. Fecho parêntese.

A mulher tinha seus mais ou menos trinta, suas carnes muito firmes em curvas bem feitas sugeriam que ela não tinha celulite, pelo menos era o que eu imaginava quando ela passava na frente da minha janela para ir fazer compras na quitanda ou no armazém. Além do que provinha da sua natureza, acho que ela fazia alguma ginástica especial para manter o corpo com tanta elegância. O homem devia ter seus quarenta e tantos; alto, magro, porém musculoso, antebraço de boxeador, olhos fundos de caveira, e o que me chamava a atenção era o horroroso perfil do seu nariz, dividido em duas linhas distintas, uma, menor, quase em ângulo reto com a testa; e a outra descaía em quina viva até a ponta. Penso que era alemão ou filho de alemão porque, um dia, o carteiro errou e jogou um envelope na minha casa, endereçado a Fritz Scheubner. É verdade que poderia ser austríaco, mas isso é uma coisa que eu nunca pude verificar. Para todos os efeitos era alemão, pois que a vizinhança se referia a ele como o Alemão. O que dava para notar nos cônjuges era o jeito oposto de ser, enquanto o tedesco era secarrão, de catadura tensa e mal-educado, que fazia questão de negar um bom-dia ou um boa-tarde, Rosalinda, a mulher, era de uma meiguice sem fim, um doce de pessoa. Descobri o nome dela quando fui entregar o envelope que me chegou por engano. Foi ela quem abriu a porta, que dava num vestíbulo de vitrais, com um sorriso tão amável, com uma dentição tão perfeita, que pude então constatar que ela era muito mais bonita de perto, a ponto de eu nem saber o que tinha ido ali fazer. Ela mesma me retirou daquele momentâneo encantamento, perguntando o que eu desejava, e afastou-se um pouco, fazendo um gesto para que eu entrasse. Dei uns dois passos automáticos em direção ao interior da casa e perguntei como ela se

chamava. Ela disse um Rosalinda tão delicioso que eu falei para mim mesmo, mas sem querer saiu baixinho: linda como a rosa. Não sei se ela ouviu, e observei que tinha saído do banho porque estava com os cabelos ainda molhados e exalava o seu legítimo cheiro, que muito me agradou. Isso durou poucos segundos e assim que comecei a dizer que estava ali para entregar uma correspondência extraviada, o Alemão apareceu como um tufão endemoninhado, recolheu o envelope, quase o arrancando da minha mão, e só não me mandou sair porque eu mesmo fui saindo sob o seu olhar fulminante, como se tivesse sido eu o culpado do engano do carteiro. Rosalinda, ao fechar a porta, — já longe das vistas do marido — ainda me convidou num tom meio confabulado para aparecer outra hora, para tomar um café, convite que me deixou intrigado.

Fazia duas semanas que eu me mudara quando, pela primeira vez, testemunhei um fato terrível. Era mais ou menos seis da tarde, hora em que o Alemão costumava chegar. Minutos depois que entrou e bateu a porta com força, começou uma espécie de briga, mas só se ouvia a voz agressiva do homem. Coisas caíam ou eram jogadas contra as paredes. Ele xingava nomes feios, todos eles, com muita competência, modulação da voz e trêmulos — “sua sem-vergoonha! Você fica de conversinha com os vizinhos, vai ver que eu saio para o trabalho e você põe homem aqui dentro de casa, sua puuuta!” E falava também umas palavras noutra língua, que devia ser alemão, e, embora eu não as entendesse, tinham as mesmas sonoridades dos nossos palavrões. Faziam-me lembrar daqueles discursos do Hitler, que passam em filmes documentários, tudo muito bem pronunciado, com destaque e capricho. Quando ele dizia “sua puta ordinária” não era como um qualquer fala, havia esmero, entonação, retumbância e ofensa grave. Até o ambiente físico sentia

os efeitos dos improperíos com reverberações e ecos que percorriam aqueles corredores sombrios da casa antiga. E, então, vinham barulhos de pancadas e estalos fortíssimos, que entravam na minha sala através de uma área comum às duas casas, separada por um muro não muito alto. Por ali também entrou um pesado chinelão de sola de borracha que quase me quebrou uma fruteira de estimação. Fiquei horrorizado com aquela briga que chegou a imobilizar-me de pavor. Imaginei que a contenda poderia terminar em morte, tal era a violência da pancadaria que durou uns quinze minutos. Pensei em chamar a polícia, porém, quando voltou o silêncio, escutei rumores provenientes da cozinha, assim como se estivessem lavando vasilhas na pia. Era a Rosalinda que cantarolava muito baixinho, em alemão, uma bonita valsa, que eu até a tenho gravada numa fita cassete. Fiquei aliviado, tudo se acalmara e pensei que fosse um episódio, algo que não se repetiria. Enganei-me. Nas semanas seguintes, novas brigas escutei e raros foram os dias em que aparentemente nada aconteceu. A partir das seis da tarde, passei a ficar alerta e ansioso, aguardando o início da confusão.

Eu sempre puxava conversa com a Rosalinda, na hora em que ela ia fazer compras na quitanda. Várias vezes, para aliviá-la do peso excessivo, carreguei sacolas de verduras e frutas até a porta da sua casa. Ela, sempre amável e cativante na sua maneira de conversar, intrigava-me com a sua insistência para que eu fosse tomar um café e quanto mais ela me convidava mais eu tinha medo. Ela devia saber que eu sabia das brigas, mas evitava qualquer palavra que se aproximasse do assunto, e eu só queria ter a oportunidade direta de dizer-lhe que hoje existe delegacia de mulheres e é só ir lá que eles tomam uma providência. Ela se referia aos barulhos da minha casa, não que eu fosse barulhento, pelo contrário, sempre fui muito discreto, comentava minhas músicas e dizia que eu tinha bom gosto.

Parecia uma pessoa bem instruída e combinou que quando ela desse três pancadinhas na parede da sala era sinal para que eu repetisse o disco, confessando-me ainda que nem rádio possuía porque o Fritz detestava música. Detesta, disse ela, é pouco, ele é contra a música. Sugeriu que a ária *E lucevam le stele* — pronunciou bem o italiano — podia tocar o dia inteiro, de tanto que ficava emocionada. Fiquei esperando que ela me dissesse que era a música que tocou num filme famoso, mas constatei que a sua cultura musical ia muito além de Hollywood, pois falou de Puccini e Donizetti como quem conhecia a causa. Não sei se falando que ouvia minhas músicas ela queria insinuar que eu também ouvia os sons da sua casa — que não eram músicas —, e assim me constrangia a não tocar no caso das brigas, ou se ela estava arranjando um modo oblíquo que ensejasse algum comentário da minha parte; mas, certo dia, no meio de uma conversa, que se avizinhava do ponto em que eu poderia indagar alguma coisa da intimidade do casal, repentinamente ela mudou de assunto e me perguntou se eu gostava de *Apfelstrudel* e eu disse que sim. Então eu farei um, especial, prometeu. De fato o fez e no dia em que o levou à minha porta estava com um roxo no braço esquerdo e se acanhou ao perceber eu que eu notara a marca, todavia não deu para identificar se era proveniente de uma pancada ou se era essas manchas-roxas que aparecem sem mais nem menos, sinal de tristeza, como dia minha vó. Convidei-a que entrasse, mas ela se desculpou e disse que eu era o devedor de uma visita, não ela. Cada vez mais me afeiçoava a Rosalinda e, na mesma exata proporção, abominava o Alemão.

Numa qualquer terça-feira resolvi que aceitaria tomar o tão convidado café, que sempre achei um pretexto. Esperei o Alemão sair, depois do almoço, passei por um cochilo e quando despertei fui bater à porta de Rosalinda. No lugar de campainha havia uma aldrava de bronze e

quando acionei o dispositivo o barulho foi tão forte que, do mesmo lado da rua, provocou o aparecimento de meia dúzia de cabeças de vizinhos, os quais, das suas respectivas janelas, conferiam dissimuladamente quem batia. Do outro lado da rua, nas casas da frente, os postigos de veneziana que se abriam e o balançar de cortinas denunciavam a eterna vigilância de hábeis e competentes bisbilhoteiros. Esperei algum tempo e tornei a bater com mais força. Como ninguém atendeu, desisti e fui embora, o que nenhum vizinho viu ou quis ver. Da minha casa dava perfeitamente para saber se a Rosalinda estava ou não estava em casa. Perscrutei as paredes, as passagens, os ornados respiradouros que bordejavam o forro, as janelas internas, as clarabóias e constatei o mais profundo silêncio, apenas interrompido por um estalido ou outro da dilatação das madeiras do engradamento do telhado. Será que ela dormia? Será que saiu e eu não reparei? Será que fingiu não estar para não me receber? Bem, era só esperar por um novo convite quando então eu ia dizer que já tinha ido e bati com a cara na porta.

Com muito jeito, abordei o assunto das brigas do casal com o Chico Fonseca, que era meu conhecido antigo, dono do armazém que ficava na esquina da Rua do Barro com a Padre Faustino, e que sabia de tudo o que se passava nas imediações e um pouco mais além. Seus comentários eram uma miscelânea de deduções que se ajuntavam com informações que colhia dos fregueses e dos frequentadores da venda, e então, transformava tudo nas suas certezas absolutas.

Vieram do Paraná, me disse o Chico, porque quando eles chegaram aqui, o Alemão tinha uma caminhonete com placa de Londrina. Eu até apostei uma caixa de cerveja com o Nogueira, que teimava que eles eram de Santa Catarina, e ganhei, porque ele mesmo descobriu que eles moravam em Paranaguá. A coitada

apanha todo dia, de hora marcada, o homem é um carrasco, um grosseirão. Não sei como é que a dona Rosalinda aguenta um safado assim! Puxando-me pelo braço para um canto do balcão, falou baixinho: ela muito gostosa, e aquelas palavras me deram um ciúme danado do Chico, que continuou o seu relatório. Já quiseram fazer um abaixo-assinado na associação do bairro, exigindo providências, mas o presidente não topou, disse que a associação tem outras prioridades; quiseram por o vigário no meio, mas ele tirou fora da reta, disse que não ia se meter, que eles não pagavam dízimo e, portanto, talvez fossem de outra religião; o pastor da Universal disse que o homem tá com o diabo no corpo, mas pra tirar, ele tem que ir no culto; a dona Sílvia já fez sessão no centro e disse que é o espírito dum general alemão da guerra que baixa nele e tá muito difícil ele desencostar. Já falaram com o patrão do Alemão, ele é mecânico-chefe da *Paraibuna*, porém não adiantou; o gerente disse que ele é ótimo empregado e que não tem nada que ver com a vida pessoal de cada um. A pancadaria já virou moda, ninguém mais liga. Ela apanha e pronto. Um dia ele mata ela ou ela cai fora, que é o que eu faria... ainda mais gostosa daquele jeito, ela devia estar trabalhando em novela ou no cinema... não precisa ficar apanhando dum alemão magrelo e asqueroso... Novamente me puxou para o canto do balcão e me perguntou, com a voz sumida: “você tá comendo?” E eu disse: que isso Chico, ela é casada. E ele se limitou a dar uma risadinha e fez um gesto em desuso que consistia em arregaçar a pálpebra inferior do olho com a ponta do dedo indicador... e foi atender um freguês...

Decorridos quatro meses — contei vinte surras —, resolvi, estava decidido, na hora da próxima pancadaria eu ia interferir. Estava angustiado e com muita pena da Rosalinda. Tive coragem de aceitar o convite dela para ir tomar café, mas para dizer a verdade, meu medo do

Alemão aumentava, e, mesmo ela tendo insistido depois daquele dia, explicando-me que saíra, não ousei mais. Notei que o xingatório do Fritz estava endereçado a minha pessoa, porque quando ele falava vizinho que queria por chifre nele, só podia ser eu. Tinha preparado uma escada e estava disposto a olhar por cima do tal muro e falar alguma coisa: ô seu safado! Vou dar parte na polícia, alguma coisa que assustasse o homem; talvez o xingasse também: ô seu filho da puta, vai bater na sua mãe! Conforme fosse, quem sabe, pularia na casa do Alemão e lhe daria umas porradas e salvaria triunfalmente a Rosalinda?

Foi no dia de São Cristóvão, me lembro bem, porque na hora que o homem chegou, passava uma enorme procissão de carros e caminhões, buzinando na avenida principal, e pela violência do bater a porta, imaginei, é hoje. Não demorou muito, o Alemão berrou: “hoje eu acabo com você, descarada, eu já não te falei que não quero você de conversa com este vizinho!” Foi então que minhas suspeitas se confirmaram, o Alemão estava desconfiado de mim. Como é que ele sabia que ela conversava comigo? Antes ele falava vizinhos, mas agora, o pronome era o demonstrativo, masculino, singular, de objeto próximo, era eu mesmo e mais ninguém. Depressa liguei meu som na tentativa de confundir algum passante que, ouvindo a advertência do Alemão, pudesse fazer ilações maledicentes, e, por acaso, o disco que estava de prontidão no prato da vitrola era a poderosa *Cavalgada das Valquírias*. “Sua assanhada, vou te mostrar sua camofa vadia”, e veio o primeiro talaço. No segundo, ainda hesitei; no terceiro, subi destemidamente a escada até a pingadeira do muro, de onde descortinava perfeitamente a sala de visita da casa através de um janelão envidraçado, e vi a cena mais grotesca da minha vida. O Fritz nu, com as partes à mostra, de quatro, deitando o seu xingatório, e

Rosalinda — elegante como nunca — com uma tala de couro cru na mão direita e um senhor mangual na esquerda, batendo-lhe nas nádegas magras e roxas de tanto já ter apanhado. Tudo era um hematoma só. Ela, com as feições sérias, desempenhava o seu encargo com muita compenetração, como se fosse uma concentrada bailarina de *flamenco*, girando em torno daquela pobre figura. Apenas aguardava o momento sincronizado para desfechar os golpes. “Tome lá vagabunda!”... Era a hora o mangual... “Sua piraaanha!”... E vinha a tala... Não tenho certeza, acho que ela me viu, fitou-me, diria, com uma certa demora, e ainda me sorriu com aqueles dentes maravilhosos, sem se descuidar da sua tarefa, mas como eu disse, não tenho muita certeza. Pode ser que eu tenha ficado alucinado e tenha visto o que não aconteceu, pois ela continuou o seu mister sem se afetar. O Alemão, não, estava com cabeça baixa, tenho absoluta certeza de que não me viu. Não esperei o fim, estava agarrado ao beiral do muro com tanta força que descí os degraus da escada com o corpo dolorido, como se eu tivesse levado aquela sura, e passei a noite em claro, entrecortada de madornas aflitas.

No dia seguinte, cedo, chamei um corretor de imóveis e pus minha casa à venda. Voltei imediatamente para o meu apartamento porque me passaram coisas muito estranhas pela cabeça. Soube que, pouco tempo depois daquele 25 de julho, o casal mudou-se para Florianópolis. Ficaram-me algumas dúvidas; até hoje não sei se ela gostava de bater ou se ele gostava de apanhar, ou se ainda gostam; se era uma imposição de um ou de outro; se era um acordo entre as partes, ou sei lá o quê. Os livros e os jornais estão cheios de histórias assim, e eu não estou querendo dizer que esteja contando uma novidade. A única diferença, no meu caso, é que eu vi esses fatos de muito perto, não foi invenção, foi a mais pura verdade. Poderia

ter contado tudo ao Chico Fonseca, e mostrar-lhe que ele estava enganado, que quem apanhava era o Fritz, mas como não ia adiantar nada, deixei pra lá. Soube também que ele andou dizendo que eu me mudara às pressas porque o Alemão estava doido pra me pegar. Enfim, ele que fique com as suas certezas... Eu continuo ouvindo minhas músicas, e quando toca aquela ária da *Tosca* eu me lembro da Rosalinda, linda como a rosa, com seu maravilhoso sorriso, e quando ouço as *Valquírias* eu me lembro do Fritz, e então penso que, na teoria, devo ficar com pena do infeliz, e fiquei, na hora, mas, na prática, eu não sei não. Há dias em que...

Esse conto foi selecionado para compor o livro ***Baleia Come Flores***, organizado por Paula Malta e José Roberto Silveira.

II Concurso de Contos da Universidade Federal de São
João del-Rei